

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

A Periferia Digital: mobilização e cidadania nas margens sociais em São Paulo.

Marco Antonio BIN.

Cita:

Marco Antonio BIN (2015). *A Periferia Digital: mobilização e cidadania nas margens sociais em São Paulo*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/36>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A Periferia Digital: mobilização e cidadania nas margens sociais em São Paulo

Marco Antonio BIN – FIAM/FAAM – São Paulo
marcobin@gmail.com

Resumo

"Em continuidade à pesquisa de meu doutorado, apresentada parcialmente nas X Jornadas de Sociologia (2013), com o título de "A Cultura das margens e o espaço segregado em São Paulo", a proposta do presente trabalho é avançar mais um pouco na análise da constituição da cidadania e discutir as estratégias das interações sócio-culturais nas periferias de São Paulo, tendo como referência os processos de mobilização digital promovidas por seus coletivos. Em outras palavras, uma vez analisadas algumas manifestações presenciais e isoladas de visibilidade social, como elas se dão dimensionadas pelas redes sociais? Serão considerados, como ponto de partida para obtenção e elaboração de dados, os coletivos presenciais com domínios na internet. Como procedimento metodológico, serão efetuadas pesquisas virtuais e de campo junto aos integrantes dos coletivos escolhidos, com o objetivo de, a) cartografar os conflitos e resistências oriundos da desigualdade social na metrópole contemporânea, b) as possíveis transformações na interação sócio-cultural nas margens sociais, decorrentes do acesso mais universal à tecnologia digital."

Palavras-chave: Periferia/cidadania/redes sociais/resistência/São Paulo.

1) Crescimento e Segregação em São Paulo

Para avançarmos na discussão sobre cidadania e mobilização social na cidade de São Paulo, convém fazermos um retorno ao passado, lançando olhares sobre o período em que a cidade começa a delinear seus contornos de grande cidade, isso no início do século XX.

Vinte anos antes, por volta de 1880, não passava de uma pacata cidade com cerca de 50.000 habitantes. Seu posicionamento estratégico, como centro financeiro em razão da cultura do café, que se esparramava por todo o oeste do Estado, e próxima do porto de Santos, que oferecia a imediata exportação do produto, permitiu que a cidade crescesse de modo vertiginoso, passando a mais de 230.000 habitantes em 1900 e a 579.000 habitantes em 1920. Todo esse crescimento foi impulsionado pela forte chegada de imigrantes europeus e para se ter uma ideia desta presença, na virada do século a população da cidade era constituída por cerca de 50% de estrangeiros. Esse

contingente migratório maciço ocorreu em razão da política governamental que incentivou a importação de trabalhadores brancos europeus para substituir a mão de obra negra, em um procedimento que visava a “branquear” a população brasileira.

Neste período, São Paulo era uma cidade concentrada, com cerca de 80% das moradias eram alugadas (Caldeira, 2000). A elite que se origina da riqueza do café e do comércio dinâmico, logo buscará se afastar do ambiente de promiscuidade e doenças, deslocando-se para áreas mais afastadas, em exclusivos empreendimentos imobiliários como o bairro de Higienópolis, assim nomeado em clara alusão às suas melhores condições de higiene.

Nos anos 1930, com a expansão da cidade, o prefeito Prestes Maia lançará o Plano de Avenidas, e tal como Haussmann fez com Paris, previa rasgar a cidade a partir de eixos viários com a demolição da região central, promovendo a especulação imobiliária, que expulsará os trabalhadores para bairros mais afastados, por não terem como arcar com os pesados aluguéis. A cidade que já possuía um razoável sistema de transportes públicos baseado em bondes (*tranvia*), passa a valorizar o transporte por ônibus, cuja expansão dos serviços (a partir da década de 1940) será explorada por empresários particulares, também especuladores imobiliários.

O padrão de urbanização se modifica, a cidade se dispersa, as classes sociais passam a viver longe uma das outras: os pobres migram para as periferias; a classe média e alta ocupa os bairros centrais, mais equipados, em um processo de segregação social que se acentua ao longo dos 50 anos seguintes. O sistema de transportes também se modifica, cada vez mais os bondes desaparecerão, o ônibus chegará a espaços mais distantes, muitas vezes vazios, para atender aos crescentes fluxos de trabalhadores pobres, e o automóvel circunscreve-se aos ricos.

A cidade se verticaliza com a exploração imobiliária e a partir dos anos 1960, a classe média passa a ocupar apartamentos recém-construídos e financiados pelo SFH1, aprofundando o padrão de segregação urbana. Nos anos 1970, segundo Teresa Caldeira, temos o seguinte panorama urbano:

“Os pobres viviam na periferia, em bairros precários e em casas autoconstruídas; as classes média e alta viviam em bairros bem equipados e centrais, uma porção significativa delas em prédios de apartamentos. O sonho da elite da Velha República² fora realizado: a

1 Sistema Financeiro de Habitação, órgão federal que financiava a aquisição da casa própria.

2 Trata-se do primeiro período republicano, que vai da proclamação da República, em 1889, até a Revolução conduzida por Getúlio Vargas, em 1930.

maioria era proprietária de casa própria e os pobres estavam fora do seu caminho. (Caldeira, 2000, p.228)

Os pobres, esquecidos nas periferias cada vez mais distantes, tomam a abertura política (1979) para retomar as mobilizações por direitos civis e moradias, embora as dificuldades para o financiamento da casa própria persistam³. A autoconstrução torna-se dispendiosa ao longo dos anos 1980, e embora em ritmo menor que no período 1950-1970, ela prosseguirá, sobretudo nos extremos da cidade, onde o preço do lote de terra é mais barato e o controle público menos rigoroso (Kowarick, 2009). As dificuldades econômicas do período, que culmina com a grave crise financeira mundial de 1982 e a consequente declaração da moratória da dívida por parte do governo brasileiro, elevam o número de moradores das favelas⁴ na cidade e tal como a designação *periferias*, no plural, as favelas devem ser assim compreendidas, espaços diferenciados, múltiplos, ambientes com diferentes padrões sociais e distintos patamares de desigualdade, como diz Kowarick:

“As favelas e seus habitantes devem ser vistos no plural, pois não são diferentes entre si, como, num mesmo aglomerado é freqüente encontrar-se padrões socioeconômicos e urbanísticos bastante diversos: elas constituem microcosmos que espelham os vários graus de desigualdade presentes nos estratos baixos de sedimentação da sociedade e, assim, não podem ser vistas como mundos à parte e excluídas da cidade em que estão inseridas”. (Kowarick, 2009, p. 224-225).

Nos anos 1990 São Paulo é uma cidade mais complexa e fragmentada, mantendo a segregação, mas o modelo centro-periferia, marcado pelo distanciamento geográfico entre pobres e ricos, ainda que permaneça em seus contornos gerais, passa a ver o surgimento de empreendimentos imobiliários para as classes média e alta expandir para as áreas fronteiriças, avançando em espaços habitados por pessoas das classes menos favorecidas, criando espaços de moradia de luxo sob a designação de condomínios, ou, conforme Caldeira, *enclaves fortificados*.

Esse padrão urbano permanecerá ao longo das décadas seguintes, aprofundando a segregação urbana mesmo havendo a proximidade de classes em determinadas regiões urbanas. As novas oportunidades dos moradores mais pobres, de financiamento a baixo

³ Esta situação permanecerá até o Governo Lula (2003-2011), quando novas formas de crédito popular para a compra da casa própria estarão ao alcance das classes de baixa renda.

⁴ Villas Miserias.

custo pelos bancos federais, não irá arrefecer a desconfiança e em muitos casos, o preconceito e a xenofobia⁵ por parte dos mais ricos.

É com esse panorama, centrado no crescimento de São Paulo ao longo do século XX, recuperando os sentidos de uma segregação urbana que marca a profunda desigualdade social e econômica paulistana, que proponho a discussão sobre o padrão urbano de hoje, a realidade das periferias do ponto de vista delas, em um momento de mudança de hábitos definida pela utilização da tecnologia digital. Para além das transformações nos comportamentos cotidianos, ela, a tecnologia digital – consolidada nos usos de celulares, notebooks, tablets etc, oferecendo distintas plataformas de comunicação com seus inúmeros aplicativos – se coloca como uma ferramenta preciosa de construção de discurso e construção de redes sociais, ao acesso também das camadas menos favorecidas da sociedade.

2) A Periferia Digital e suas inúmeras facetas de cidadania

Há alguns anos, ao redigir um projeto acadêmico que pretendia justificar a instalação de pólos culturais em uma favela de São Paulo, escrevi o seguinte:

"Consideremos duas comunidades carentes, Pinheirinho, assentamento com cerca de 2000 famílias, ou o Campo dos Alemães. Certamente uma população destituída de lazer e entretenimento, com mínima infraestrutura para uma vida social mais digna. Abandonada pelo poder público, absorve a apatia do esquecimento, revolvendo-se nas garras de opções de vida menos promissoras. Corrompida pela alienação dos meios hegemônicos de comunicação, amaciada em seus anseios mais vitais, as pessoas sobrevivem o dia-a-dia.

A proposta da implantação do pólo cultural tem a aspiração de apoiar o desenvolvimento de práticas culturais que tragam a vida comunitária novamente ao proscênio das preocupações, de despertar para a interação comunitária da maneira mais agradável, atraindo um público em que jovens e idosos possam comungar de uma mesma atividade. A poesia tem o poder de atrair, não de afastar as pessoas, de

⁵ Preconceito e xenofobia são sentimentos muito comuns, encontrados nos bairros mais ricos, sempre em relação aos habitantes mais pobres, de origem nordestina. É importante lembrar que depois da chegada a São Paulo dos grandes contingentes migratórios europeus, no final do século XIX e princípios do século XX, nos anos 1940 e 1950 deu-se início a uma grande onda migratória originária do Nordeste brasileiro, então a região menos desenvolvida do país, criando uma reação preconceituosa e xenófoba, onde no campo linguístico notabilizou-se a designação pejorativa “*baianada*” (referente ao estado nordestino da Bahia) para qualquer ação malfeita.

confraternizar, não de causar intriga, e isso pude acompanhar nos saraus⁶ e atividades culturais das periferias paulistanas

(As experiências de encontros culturais que conheço) surgiram em um bar, o espaço público por excelência (além dos templos religiosos) das periferias paulistanas. A escolha do pólo cultural no Pinheirinho ou no Campo dos Alemães poderia recair em uma escola pública. Para que a iniciativa dê frutos, é necessário convocar os artistas da quebrada, dar-lhes a visibilidade e a responsabilidade de uma ação social.

A poesia declamada, assim como o rap, é uma boa sugestão inicial, porque demanda apenas o rascunho de um poema e o desejo de proclamá-lo. Os versos não precisam ser inicialmente autorais, há que se considerar a dificuldade inicial em produzi-los. Em uma escola pública é possível fazer crescer a biblioteca já instalada, e provavelmente raquítica porque deixada de lado, ou subaproveitada. A poesia declamada pode encontrar nela, escola, o templo natural para se reproduzir, junto a outras práticas culturais, como grupos musicais, de teatro, de dança, encontros gastronômicos, festas tradicionais, atividades de cidadania que podem surgir no vácuo dos saraus, ou despontar de modo independente...

A escola pública pode, assim, ser valorizada em sua essência, contando com a mão de obra especial que dispõe seu corpo docente. É importante praticar esse espaço, tê-lo disponível, torná-lo sagrado, capaz de atrair pessoas, e despertar nelas o desejo de conviverem comunitariamente (...)”.

Havia a marca de uma postura paternalista, derivada de uma antropologia arcaica onde o objeto a ser estudado não pertence à civilização ocidental, mas a grupos originários, o que permitia uma análise hierarquizada, ainda que isenta. Eliminava-se assim o desconforto do estranhamento, enquanto identificação com um grupo de hábitos culturais diferentes. O ato revelador desse olhar dominante me alcançaria tão somente no verdadeiro convívio com os grupos em questão, que me absorvendo em sua realidade cotidiana, me apresentariam todas as virtudes e deficiências nos relacionamentos humanos. Aquilo já dito por Laplantine (2012), de que somos uma cultura possível dentre tantas outras, mas não a única, o que nos leva a refletir sobre nossa visão social de mundo.

6 Encontros de declamação literária.

A democratização ao acesso da informação e do conhecimento, com base na cultura de convergência, ofereceu novos ambientes de relações e propiciou um fluxo comunicacional ilimitado. Despontou a integração com múltiplas redes, plataformas e funcionalidades, com uso de diversos aplicativos e de mídias móveis (uma das importantes características da internet 2.0), rompendo com o controle dos veículos oligopólicos de comunicação, cuja tradicional lógica discursiva voltava-se para a construção verticalizada da linha editorial, impedindo o amplo contato com a realidade social.

Sobretudo os jovens imbuídos do espírito de liderança, investiram no protagonismo tecnológico, levando junto toda a comunidade, oferecendo participação e a possibilidade de romperem com o círculo vicioso da informação. A partir daí não haveria hegemonia no discurso, a hierarquia informacional seria rompida para brotar a comunicação horizontal, rica em suas experimentações, em suas conexões, com todos e cada um conquistando espaço nos acessos em computadores pessoais ou, a partir da conexão wi-fi, em outros dispositivos móveis, como smartphones, ipods, tablets, em qualquer tempo e lugar. As grandes estruturas corporativas midiáticas passaram a sofrer o assédio da escolha individual por outros canais de informação e conhecimento, e o mais importante, o cidadão das periferias deixou, a partir dessa escolha, de ser um receptor inerte para se tornar um agente ativo na produção de conteúdo. E o mais importante, a experiência midiática passa a ser coletiva e contínua.

Assim, o controle da informação e do conhecimento – e do entretenimento até muito recentemente restrito ao aparelho de televisão nas comunidades carentes – passou a dar lugar ao fluxo de informações compartilhadas, permanentemente atualizadas. O esforço deste texto é abordar, ainda que sem a profundidade devida, os diversos aspectos que configuram a força da comunicação digital junto às comunidades periféricas, e graças ao seu acesso universal, como um eficiente instrumento para a consolidação da organização social local.

Como foi dito, este texto propõe avançar as pesquisas realizadas em meu doutoramento, quando estudei grupos culturais que atuavam nas periferias, promovendo posição de identidade e resistência. Eram, na época, cerca de dez anos atrás, ações presenciais que incorporavam basicamente a escritura poética e a performance, como articulações de seus desejos. Tudo ocorria presencialmente, de modo que aqueles 50, 100, às vezes 200 participantes, revelavam-se como verdadeiros arautos de vontades e esperanças das comunidades pobres.

Hoje, sem prejuízo ao presencial, desponta a comunicação virtual digitalizada, que ao contrário do que se poderia pensar, não se dilui, mas aproxima todos estes jovens e sonhadores, que de seus lugares geográficos, se comunicam para além das fronteiras periféricas.

Está claro que esta realidade abrange toda a sociedade sem distinção, mas para a população pobre das periferias urbanas, ela tornou-se uma conquista que reproduz não só identificação e resistência, mas o desfrute de uma gama imensa que vai das mais inusitadas inspirações para o imaginário individual, às mais complexas realizações de projetos coletivos. Numa palavra, nunca o indivíduo das periferias pobres pode almejar tão claramente a cidadania.

Trago, a seguir, alguns exemplos de coletivos sociais instalados nas periferias de São Paulo, e que interagem com o mundo.

3) Dois ou três exemplos de ação social nas periferias

a) A força da poesia – Sarau da Cooperifa

Uma das primeiras barreiras que o sarau da Cooperifa ultrapassou foi saltar os limites do bar do Zé Batidão⁷ para chegar ao mundo, a partir do blog de seu poeta fundador e agitador cultural, Sérgio Vaz. Desse modo, os movimentos antes conhecidos apenas pela comunidade do Jardim Guarujá e dos integrantes do sarau, tornaram-se universais. Não era mais necessário aguardar as noites de quarta-feira para saber o que tinha ocorrido, e o que ocorreria em termos de atividades culturais durante o resto da semana. O blog não só criou um contato inédito com os jovens poetas de outras periferias, restritos às suas *quebradas*⁸, como os integrou pela palavra e pela ação. O sarau em si ficou como um evento a ser desfrutado antes e depois, com as imagens revelando as cores e a intensidade de cada encontro. Mais do que isso, ele permitiu um contato contínuo, onde se revelavam novos encontros fomentados pela poesia. Assim, se soube quem esteve presente, quem declamou, quem chorou, quem sorriu, quais as novidades, das declamações poéticas ocorridas fora do Batidão, nas escolas públicas, nas estações de metrô, nas bibliotecas... Aos poucos, outras redes sociais foram

⁷ A poesia declamada nas periferias só é possível graças aos bares, um dos raros espaços públicos disponíveis. No caso da Cooperifa, ela ocorre no bar do Zé Batidão.

⁸ *Quebrada*: maneira de como seus moradores se referem à comunidade.

substituindo o blog, e hoje os contatos se dão primordialmente nas páginas do Facebook.



b) *Produzindo e gerando informação na quebrada* – TV Doc Capão

Foi com a TV digital Doc Capão que tive a possibilidade de conhecer não só a agilidade da informação produzida nas periferias, como a graça e sofisticação de suas mensagens. Ali foi possível conhecer a TV ao lado da comunidade (o bairro do Capão Redondo, zona sul de São Paulo), as inúmeras ações comunitárias levada a cabo por diversas instâncias da quebrada, de jovens pesquisadores a professores de escolas públicas. As mensagens educativas, revelando a gente do lugar, o que fazem, como interagem, em programas-clipe como “Mostrando quem faz: a gente da comunidade”; “A gente da comunidade”, “Poste Parade” ou “Um minuto de reflexão”, sempre marcados por informação e seriedade, destacando um tema importante a se refletir. Acima de tudo é possível ver uma outra face dos espaços de precariedade, apresentados de modo construtivo e não como redutos cinzentos da violência urbana, como normalmente ocorre nas mídias hegemônicas. Além do que o espaço é democrático, aberto a todos que queiram contribuir com ação social.



c) *A organização política* – Rede de Comunidades do Extremo Sul de SP

O que me faz eleger, dentre tantas opções, a página de uma entidade das periferias vinculada à ação política, mas que encerrou suas atividades? Que fique bem explícito, encerraram-se as atividades virtuais, não a que é lavrada cotidianamente, no plano real. Este sítio⁹ atualizava as mobilizações sociais de um assentamento que se transformou em bairro, o Jardim da União, e não só com palavras, mas com a produção de vídeos instrutivos da sua organização social. Assim, o coletivo construiu uma linguagem sofisticada que apresentava o esforço de cada um na dura luta de cada dia. São de extrema sensibilidade os vídeos produzidos, em especial o que trata do trabalho de reciclagem¹⁰ e há também o que mostra a resistência da ocupação¹¹, não por acaso, os dois últimos do coletivo. Trata-se de um caso exemplar de uma comunidade periférica ainda não reconhecida legalmente, que se apropria com habilidade para transmitir suas formas resistência civil; a criação de uma linguagem dialógica, que expõe de maneira objetiva a densidade de um drama, anunciando a chama de uma luta que permanece.

Abaixo, a declaração final do sítio, uma exortação à luta, com ousadia e esperança:

Jardim da União resiste!

“O curto período em que foi suspenso o processo de reintegração de posse contra a ocupação do Jardim do União será marcado por muitas lutas e muitos esforços no sentido de combater a ameaça contra essa comunidade, que foi construída com tanta dedicação, com tanto companheirismo, OUSADIA e esperança.

É com esse espírito que pedimos apoio à nossa Campanha “Jardim da União Resiste”, para tornarmos conhecida a caminhada de seus

⁹ <https://redeextremosul.wordpress.com/>

¹⁰ <https://vimeo.com/125173409>

¹¹ <https://vimeo.com/125054408>

tantos guerreiros e guerreiras, e para juntarmos força contra a violência do Estado.

Dentro dessa campanha, produziremos diversos vídeos que retratam diferentes dimensões dessa luta e da situação atual da ocupação. Pedimos a todos que se solidarizam com a Ocupação Jardim da União a nos ajudarem a difundir o vídeo abaixo e os outros materiais que iremos divulgar nas próximas semanas”.

TODO PODER AO POVO!

4) Elementos para uma conclusão

O exercício da democracia ganha o espaço digital, ao oferecer o acesso ilimitado da comunicação. A tevê pública ganha o acesso nas telas dos netbooks ou dos ipods; a rádio comunitária se reproduz nos tablets, levando a voz do cidadão que até há bem pouco era invisível; o manifesto político de um grupo social ou de um indivíduo pode ser visto no youtube; os registros históricos podem ser repassados ao se acessar um site de busca. Com tudo isso, a formatação tradicional da notícia impressa ou televisada, submetida ao uma emissão hierarquizada, perde sua força.

A importância da participação nas mídias digitais é o de trazer um novo alento à produção de informação, conhecimento e entretenimento. Nelas, o cidadão encontra a possibilidade de tornar-se protagonista no processo. Para o jornalista Luis Nassif (Portal Luis Nassif), as mudanças são decisivas: *“no centro da formação do sistema de opinião, haverá outros agentes, que começam a crescer cada vez mais: blogs, grandes portais de empresas de telecomunicações, novos projetos de jornal online que deverão nascer nos próximos anos”*¹².

Com as alternativas múltiplas de participação e interação social, proporcionadas pelas redes constituídas pelas mídias digitais, o cidadão das periferias, antes abandonado pela burocracia do poder público e pela má-vontade da sociedade como um todo, passa a dispor de opções para incorporar uma atitude socialmente mais dinâmica, colocando-se em posição de eleger, cada vez mais como protagonista e não como mero figurante, caminhos mais interessantes para a construção de uma realidade social mais justa e democrática.

¹²<http://www.outroladodanoticia.com.br/08/2010/a-nova-estrutura-do-jornalismo/>, acessado dia 17 de junho de 2015.

5) Referências Bibliográficas

BIN, Marco Antonio. *As redes de escrituras das periferias: a palavra como manifestação de cidadania*. Tese de Doutorado (Ciências Sociais), PUCSP, 2009.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2000.

KOWARICK, Lucio. *Viver em Risco – sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2009.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. *O futuro da Internet – em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.